

- 2) reforçada pela repetição, ex. : « *NEM tenho, NEM quero TER TAL cousa em casa* ».
- 3) só ; mas isto raras vezes e com sentido dubitativo, ex. : « *Deixei-o, NEM sei si morto* ».
- 4) reforçada por *não* na mesma clausula, mas só em estylo familiar, ex. : « *NÃO tenho NEM um vintem que possa dar a este homem* ».

533. *Nada, nenhum, ninguém, nunca* empregam-se

- 1) sós na clausula si precedem o verbo, ex. : « *NADA tenho —NENHUM veio—NINGUEM vemos—NUNCA estudamos* ».
- 2) reforçados por *não*, si estão depois do verbo, ex. : « *NÃO tenho NADA—NÃO veio NENHUM—NÃO vemos NINGUEM—NÃO estudamos NUNCA* ».
- 3) reforçados por *nem* em estylo familiar, ex. : « *NÃO vi feitas, NEM nada—NEM NENHUM tenho —NEM NINGUEM veio—NEM NUNCA estudamos* ».

E' este o uso actual da lingua : os classicos reforçavam com a negativa *não a nada, nenhum, ninguém, nunca*, estivessem muito embora antes do verbo, ex. : « *Para que NINGUEM NÃO saiba* ». Empregavam ás vezes como reforço, sinão como pleonasmio, uma triplice negação, ex. : « *Eu NÃO VOU NUNCA á casa de NINGUEM (1)* ». Os caipiras dizem : « *NÃO deixa de NÃO fazer mal—NÃO deixa de NÃO atrapalhar* » em vez de « *Não deixa de fazer mal—Não deixa de atrapalhar* ». O preceito de grammatica latina—*duas negativas equivalem a uma affirmativa*—preceito aliás falso em muitas construcções latinas, não passou para as linguas romanicas.

534. *Jamais* emprega-se em logar de *nunca*, ex. : « *Eu JAMAIS poderei ser rico* ». E' tambem reforçado pela negativa principal *não* no mesmo caso em que o é *nunca*, ex. : « *NÃO descansou JAMAIS* ». Encontram-se exemplos classicos de *nunca jamais*, ex. : « *Os maiores apparatus de guerra que NUNCA JAMAIS se viram (2)* ».

535. *Algum* emprega-se ás vezes no fim da phrase em logar de *nenhum*, ex. : « *Eu por maneira ALGUMA consentirei* ».

536. Em estylo faceto empregam-se como intensivas da negação as palavras *boia, cuminho, fava, figo, gota, mique, nada*,

(1) DIEZ, *Obra citada*, vol. III, pag. 390.

(2) MORAES, *Diccionario*, edição citada, Art. *jamais*,

pataca, patavina, pitada, rasto, sombra, chique, etc., ex.: « Não entende *patavina*—Não sabe *pitada*—Não vi *rasto*—Não ha nem *sombra*—Nem *chique*, nem *mique*, nem *nada* (1) ».

O uso de palavras intensivas para negar com vehemencia era muito frequente em Latim: *circum, granum, micam, passum, punctum, unquam* e muitas outras eram a cada passo empregadas pelos melhores escriptores como reforço da negação. *Passum* e *punctum* introduziram-se no Francez e, sob as fórmãs *pas* e *point*, fazem hoje parte do fundo da lingua, ex.: « *Je ne vena pas*—*Je ne vais point* ». Em Gil Vicente lê-se

« *Triste pranto até Belem*
« *Nem PASSO não se esquecia* (2) ».

Mica, miga, encontram-se no Italiano, ex.: « *Ni mica trovo il mio ardente disio*—*Se sa miga* ». Gil Vicente usou em Portuguez do derivado *migalha*: « *Não me presta ne migalha* (3) ». A antiga palavra *rem* foi tambem muito usada como intensiva, ex.: « *Não valeu rem* (4) ». As palavras latinas *nil, nihil, nihilum*, e as innumerables que dellas se derivam, devem o ser ao uso das intensivas: com effeito, *nil, nihil, nihilum* equivalem a *ne hñlum* (5) ».

VII

PREPOSIÇÃO

§ 1.º

A

537. A preposição *a* (do Latim *ad* que exprime essencialmente o movimento para um ponto determinado) indica

- 1) a direcção, ex.: « *Estar a oeste*—*Jazer a leste*—*Ir a Lisboa*—*Vir a Madrid* ».
- 2) a contiguidade, ex.: « *Estar á janella*—*Estar á porta*—*Estar á beira do rio* ».
- 3) a exposição, ex.: « *Viver ao sol*—*Estar á chuva* ».

(1) GIL VICENTE, *Obras*, edição citada, vol. I, pag. 127.

(2) *Ibidem*, vol. III, pag. 350.

(3) GIL VICENTE, vol. II, pag. 501.

(4) *Nobiliario do Conde D. Pedro*, Roma, pag. 288.

(5) « *Hilum* » significa « o olho preto da fava ».

- 4) o tempo em que, ex.: « *A 4 de Janeiro—A oito dias precisos* ».
- 5) a tendencia, ex.: « *Incitar á ira—Guiar á loucura* ».
- 6) a hora, ex.: « *A's tres horas—A uma hora e cinco minutos* ».
- 7) o modo, ex.: « *Vender a retalhos—Comprar a pedaços—Andar á moda—Vestir á Luiz XV—Matar a sopapos—Ferir a lançadas—Beber a sorvos—Chorar a potes* ».
- 8) a distancia, ex.: « *A tres leguas—A doze milhas—A dezoito quilometros—A trinta passos—A cincoenta braças* ».
- 9) o instrumento, ex.: « *Bater-se a espada—Matar a pistola—Carregar a bala—Passaro morto a chumbo—Pintar a pincel* ».
- 10) a materia, ex.: « *Bordar a ouro—Pintar a oleo* ».
- 11) o fim, ex.: « *Antonio vai a capitão, e Pedro a bispo* ».
- 12) a realisação em futuro muito proximo, ex.: « *Antonio está a chegar—A vacca está a parir* ».
- 13) o preço distributivo, ex.: « *Vendo carneiros a dez mil réis—Compro vaccas a quinze moedas—Dou os figos a vintem* ».
- 14) a taxa de juros, ex.: « *Dinheiro a dez por cento—Tomei um conto de réis a cinco por cento* ».

538. A preposição *a* serve (Vide 463) para pôr em relação adverbial o objecto de um verbo afim de evitar ambiguidade, ex.: « *Milão matou a Clodio* ».

539. Unida aos artigos *o, os*, a preposição *a* encorpora-se e fórma com elles uma palavra só—*ao, aos*.

540. Unida a *a, as, aquelle, etc.*, *aquillo* a preposição *a* desaparece, e um accento agudo indica essa desaparição, ex.: « *á—ás—áquelle, etc.—áquillo* ».

541. A preposição *a* liga-se por vezes ao nome que rege, de modo que fórma com elle um todo susceptível de ser regido por outra preposição, ex.: « *Vou de a pé—Andamos de a cavallo* ».

Estas locuções usadissimas entre nós pelos *caipiras* constituem um romanicismo extreme, que tambem se encontra no Hespanhol, ex.: « *Mozos de hasta veinte años—Rimas de a seis versos* ». A construcção franceza do chamado artigo partitivo *du, de la, des* outra cousa não é sinão o mesmo romanicismo, ex.: « *Avec du sucre—Sans de la farine* ».

§ 2.º

Ante

542. A preposição *ante* (do Latim *ante*), bem como a sua composta *perante*, indica confronto, comparecimento, ex.: « *Ante mim estás tu—Perante o principe* ».

§ 3.º

Apos, pós

543. As preposições *após, pós* (do Latim *post*) indicam posição, seguimento, ex.: « *Após o exercito—Pós elles* ». *Pós* é hoje pouco usada.

§ 4.º

Até, té

544. As preposições *até, té* (do Latim *hactenus*) indicam o termo local ou temporal preciso, exacto, ex.: « *Até Paris—Até aqui—Até hoje—Até hontem á noute* ». *Té* é pouco usada em prosa.

§ 5.º

Com

545. A preposição *com* (do Latim *cum*) indica

- 1) a companhia, ex.: « *Estou com Pedro—Antonio está com o rei* ».
- 2) a permanencia sob o dominio ou em poder de alguém, ex.: « *Esse moço está comigo—Meu dinheiro está com João* ».
- 3) a adjuncção, a mixtura, ex.: « *Topar com alguém—Cal com areia* ».
- 4) o termo de acção, ex.: « *Usa caridade com os inimigos—Sê brando comigo* ».
- 5) a comparação, ex.: « *Antonio parece com Pedro* ».
- 6) o modo, ex.: « *Andar com pressa—Responder com altivez* ».
- 7) o meio, ex.: « *Elle ganha dinheiro com seus romances* ».
- 8) o motivo, ex.: « *Grilar com dores* ».

- 9) o instrumento, ex.: « *Matar com faca—Ferir com espada* ».
- 10) o preço, ex.: « *Comprar com vinte mil réis* ».
- 11) a opposição, ex.: « *Arcair com os males—Atrever-se com os elementos* ».

546. A preposição *com* precedida de *para* significa em relação, ex.: « *Para com ella minha alma é de cera—Elle se tem portado bem para comigo* ».

§ 6.º

Contra

547. A preposição *contra* (do Latim *contra*) indica

- 1) opposição, ex.: « *Pelear contra os Mouros* ».
- 2) posição fronteira, ex.: « *Dista cinco leguas de Diu contra a ilha de Bet* ».

§ 7.º

De

548. A preposição *de* (do Latim *de*, que primitivamente exprimia a descida e depois o afastamento em geral) indica

- 1) o lugar donde, ex.: « *Venho de Roma—Parto de Stockolmo* ».
- 2) a extracção, a origem, ex.: « *Sou de Ravenna—Somos de Obidos* ».
- 3) a possessão, ex.: « *Casa de Pedro—Servo de Paulo* ».
- 4) a limitação, a restricção, ex.: « *O reino de Napoles—A cidade de Coimbra* ».
- 5) a posição, ex.: « *Estou de frente—Estou de costas* ».
- 6) o estado, ex.: « *Antonio está de sitio—Francisca está de parto* ».
- 7) a separação, ex.: « *Limpar o trigo do joio—Apartar cabras de ovelhas* ».
- 8) o ponto de partida em relação a lugar e a tempo, ex.: « *De Vianna para cá—De hoje em diante* ».
- 9) o tempo em que, relativamente aos phenomenos astronomicos, ex.: « *De madrugada—De manhã—De dia—De tarde—De noute—De verão—De inverno* ».

- 10) a participação, ex.: « *Comer deste pão—Beber deste vinho—Ser dos nossos* ».
- 11) a materia, ou constituinte, ou componente, ou conteuda, ex.: « *Lixro de ouro—Bolo de milho—Cacho de uvas—Feixe de cannas—Calix de liquor—Copo de vinho* ».
- 12) o assumpto, ex.: « *Fallar de guerras—Murmurar do rei* ».
- 13) a mudança de estado, ex.: « *De leão está feito ovelha—Liberto de servo que era* ».
- 14) o agente do verbo passivo, ex.: « *Lavores gastos do tempo—Bemdito de Deus—O mar que só dos feios phocas se navega* ».
- 15) o motivo, ex.: « *Morrer de medo—Chorar de alegria—Escumar de bravo* ».
- 16) o meio, ex.: « *Cercar de muros—Nutrir-se de fructas* ».

De encontra-se aqui com a instrumental *cum*, si bem que a primeira particula propriamente só accrescente um complemento a certas idéias verbaes, ao passo que a segunda accrescenta uma circumstancia especial ás idéias mais diversas, porquanto a concepção não é a mesma quando se diz, por exemplo « *Sustentar-se de peixe* » e « *Sustentar alguém com dous peixes* ». No estado mais antigo da lingua popular romanica de tinha uma força instrumental illimitada, de sorte que, sob este ponto de vista, substituiu absolutamente o ablativo, e designava por isso o instrumento até que *cum* lhe disputasse essa accepção. Pelo menos em Latim baixo *de* é muitas vezes empregado com esse valor. Eis uma lista de empregos diversos desta *de* instrumental: « *Emi de mea pecunia* (BREQUIGNY ET THEIL, *Diplomata, chartæ, epistolæ et alia monumenta ad res franciscas spectantia*, Paris, 1791, 2.^a ann. 475)—*De anulo nostro subtersigillare*, (*Ibidem*, 27.^a ann. 528)—*De radicibus alebatur* (GREGORIO DE TOURS, 6, 8)—*Vittam de auro exornatam* (BREQUIGNY, *Op. cit.*, 86.^b, ann. 590)—*De manus suas excorticatas* (*Vetera analecta, formulæ Mabillonii*, Paris, 1723, 24)—*De linguis eorum dixerunt* (*Formulæ veteres Marculphi Monachi aliorum que auctorum*, Paris, 1765, app. 33)—*Abeus de cadaveribus repletus* (*Gesta Regum Francorum*, Paris, 1739, Tome II du Recueil des Historiens de la Gaule et de la France, 37.)—*De ramis celare* (*Lex salica*, Tit. LXVIII)—*De nostris opibus subvenire* (TIRABOSCHI, *Storia della badia di*

Nomantolo, Modena. 1785, 7.^h, ann. 753)—*De ignibus concremaverunt* (*Espana Sagrada*, Madrid, 1747, XIX, 384, ann. 995) ». O sentido opposto de despojar exige tambem *de*: em Italiano. por exemplo, « *Spogliare, privare, defraudare, sgombrare, scaricare, sfornire d'una cosa* ». Em Latim baixo « *De pecoribus denudare* (GREGORIO DE TOURS, 4, 45)—*Evacuare de hominibus* (*Ibidem*, 6, 31) (1) ».

- 17) a determinação, ex.: « *Estar bem de saude—Prompto de mãos—Formoso de rosto—Ruivo de cabellos* ».
- 18) o modo, ex.: « *Estar de lucto—Pôr-se de joelhos—Vir de carro* ».
- 19) a intermediação entre o verbo e o adjectivo que representa a natureza ou a propriedade physica ou moral de uma pessoa, ex.: « *Acoimar de feio—Chamar de coxo—Fazer de ignorante—Tractar de pobre* ».
- 20) a medida, ex.: « *Fosso de cinco palmos—Fita de trinta pés* ».
- 21) a quantidade, ex.: « *Corpo de vinte soldados—Esquadra de trinta vasos* ».

Expletivamente, para dar força á expressão emprega-se a preposição *de* entre o adjectivo descriptivo e o substantivo ou pronome, ex.: « *O bom do homem—Pobre de mim* ».

§ 8.º

Desde, des

549. As preposições *desde* e *des* (sem origem immediata latina) indicam precisamente o ponto de partida, quer local, quer temporal, ex.: « *Desde Sevilha—Desde hontem á noute até hoje pelas cinco horas* ».

§ 9.º

Em

550. A preposição *em* (do Latim *in*) indica

- 1) o lugar onde, ex.: « *Estou em Roma—Móro em Milão* ».
- 2) o tempo em que, ex.: « *Em 1814—No terceiro dia* ».

(1) DIEZ. *Obra citada*, vol. III, pag. 152.

Frequentemente occulta-se esta preposição quando ella indica tempo, ex.: « *Vim Domingo—Dou um baile esta semana* ».

- 3) o modo, ex.: « *Braços em cruz—Gente em circulo—Andar em guerra—Viver em paz* ».
- 4) o assumpto, ex.: « *Pensar em amores—Fallar em combates—Crer em Deus* ».
- 5) o fim, ex.: « *Declaro-o em abono da verdade—Digo-o em honra da patria* ».
- 6) a avaliação, a estimativa, ex.: « *Tenho-o em grande conta—Avalio-o em cinco contos de réis* ».
- 7) a transição de um estado para outro, ex.: « *Traduzir em Francez—Converter em peixes—Fazer em pedaços* ».

551. A preposição *em* ao combinar-se com *o, a; este, isto; esse, isso; aquelle, aquillo*, etc., deixa cahir o *e*, e muda o *m* em *n*; o que dá « *no, na; neste, nisto; naquelle, naquillo*; etc.. (Vide 56) ».

§ 10.

Entre

552. A preposição *entre* (do Latim *inter*) indica

- 1) a posição intermediaria, ex.: « *Entre Pedro e Paulo—Entre quatro paredes—Entre vermelho e azul—Entre triste e alegre* ».
- 2) a reciprocidade, ex.: « *Artes e sciencias têm muita conexão entre si* ».

§ 11.

Para

553. A preposição *para* (do baixo Latim *per ad*) indica

- 1) a direcção, ex.: « *Virado para o nascente—Voltados para a esquerda* ».
- 2) o lugar para onde, ex.: « *Vou para Milão—Irei para Macau* ».

O emprego da preposição *para*, quando se quer exprimir lugar para onde, indica a intenção de demorar no

logar ; quando se pretende passar pouco tempo no logar usa-se de *a*, ex. : « *Vou hoje a Londres, onde tenho negócios, e depois de amanhã partirei PARA Calcutta onde residido* ».

- 3) o fim, ex. : « *Livros para estudo—Ferros para o trabalho* ».
- 4) a futuridade, ex. : « *Para o anno—Para o mez que vem* ».
- 5) a realisação em futuro proximo, ex. : « *Pedro está para chegar—Antonio está para fechar o negocio* ».
- 6) a proporção, ex. : « *3 está para 6, assim como 7 está para 14* ».
- 7) a attribuição, ex. : « *Zelo para as cousas da religião* ».
- 8) a approximação de quantidades. ex. : « *De duas para tres leguas* ».

554. Relativamente á locução « *para com* » veja-se o que ficou dito acima (546).

§ 12.

Por

555. A preposição *por* tem duas séries de accepções diversas por isso que é dupla a sua origem etymologica. *Por*, com effeito, vem de *per* e vem de *pro*.

Até o seculo XVI a fórma inalterada *per* era a representante em Portuguez da preposição latina *per*, como *por* o era de *pro* : dizia-se « *Per montes e valles* » e « *Pola ley e pola grey* ».

Mais tarde, confundidas as significações, *per* e *pro* tornaram-se indistinctas, e uma dellas teve de desaparecer : foi *per*. *Por* suplantou-a, e é hoje a unica. Todavia *per* teve tambem as suas victorias : as fórmulas compostas *pelo*, *pela*, etc., venceram e eliminaram as fórmulas rivaes *polo*, *pola*, etc.. *Per* vive ainda em muitas palavras compostas, e na locução « *de per si* » conserva-se em toda a pureza primitiva.

A confusão de *per* e *pro* data já da baixa latinidade : muitas vezes figuravam ambas na mesma sentença. Na *Espania Sagrada*, por exemplo, lê-se : « *PER omnes montes ac PRO illis locis* (1) ».

556. A preposição *por*, derivada de *per*, indica

- 1) logar por onde, ex. : « *Por mar e por terra—Elle anda por lá* ».

(1) XXVI, 443, ann. 804.

- 2) a parte por onde se pega habitual ou accidentalmente qualquer objecto, ex. : « Pegar pelo cabo—Segurar pela perna ».
- 3) individuação e a distribuição, ex. : « Um por um—Grão por grão—Milhares por dia—Seis contos de réis por anno ».
- 4) a duração, ex. : « Por duas horas—Por tres annos ».
- 5) o meio, ex. : « Elevar-se pela intriga—Vencer por armas ».
- 6) o motivo, ex. : « Faltar por enfermo—Occultar-se por vergonha ».
- 7) o agente do verbo passivo, ex. : « Assussinado por Indios—Cultivados por nos ».
- 8) o juramento, a attestação, ex. : « Juro por Deus—Affirmo por minha honra ».

557. A preposição *por* derivada de *pro* indica

- 1) a substituição, ex. : « Dar homem por si—Pedro compareceu por Paulo ».
- 2) o preço, ex. : « Vendí o livro por cinco mil réis—Comprei a casa por seis contos de réis ».
- 3) a opinião, a qualidade em que se tem, em que se recebe pessoa ou cousa, ex. : « Tenho-o por sabio—Tomei-o por transfuga—Recebi-a por mulher—Adoptei-o por filho ».
- 4) a parcialidade, o favor, ex. : « Estou pelo rei—Somos pela republica—Combatemos por Paulo ».
- 5) o não acabamento, ex. : « A casa está por concluir—O muro está por emboçar ».

§ 13.

Sem

558. A preposição *sem* (do Latim *sine*) indica privação, falta, ex. : « Estou sem dinheiro—Pedro está sem mulher ».

§ 14.

Sob

559. A preposição *sob* (do Latim *sub*) indica a situação inferior, ex. : « Sob a cama—Sob os olhos ».

Desta significação decorrem todas as outras que tem *sob*, taes como a de disfarce, a de tempo de governo, ex. : « Sob apparencia de paz—Sob Napoleão I ».

§ 15.

Sobre

560. A preposição *sobre* (do Latim *super*) indica

- 1) a situação superior, ex.: « *Está sobre a montanha—Paira a nuvem sobre nós* ».
- 2) a aproximação, ex.: « *Sobre a manhã—Sobre a noite—Sobre o branco* ».
- 3) o excesso, ex.: « *Sobre cem mortos duzentos feridos—Sobre queda couce* ».
- 4) o assumpto, ex.: « *Fallar sobre physica—Escrvever sobre biologia* ».

§ 16.

Trás

561. A preposição *trás* (do Latim *tras*) indica a posposição, ex.: « *Trás-os-montes—Trás mim* ».

É pouco usada. Substitue-a a locução « *atrás de* »: ex.: « *Atrás de mim—Atrás da casa* ».

§ 17.

Preposições concurrentes

562. Muitas vezes, para exprimir a natureza complexa de duas relações que dão-se conjunctamente, unem-se duas preposições, ex.: « *De sob—De sobre—Por entre—Por sobre*, etc. ».

VIII

CONJUNÇÃO

563. Quando por meio de *e* liga-se uma phrase começada por *que* (pronome relativo ou conjunção) a outra que deva começar pelo mesmo *que*, é facultativo exprimir o ou calar o na segunda phrase, ex.: « *Eis o homem que atacou e que venceu os Palmares* ou *que atacou e venceu—Creio que elle é rico e que quer comprar esta casa* ou *que elle é rico e quer comprar esta casa* ».

564. É quasi de obrigação exprimir-se a conjunção na segunda phrase quando se passa do sentido affirmativo para o negativo e vice-versa, ex.: « *Creio que elle é rico, e que não quer comprar esta casa* ».

565. Depois de *e* e de outras conjunções coordenativas pôde-se exprimir ou calar certas palavras de fôrma ou de determinação precisa, ex.: « *Da Italia e da França* ou *Da Italia e França—Para a corôa e para o sceptro* ou *Para a corôa e sceptro* ».

A grammatica franceza, cujas leis a este respeito são ferrenhas, não nos pôde servir aqui de modelo; o Italiano e o Provençal movem-se um pouco mais á vontade; só o Hespanhol gosa neste terreno da mesma liberdade que tem o Portuguez. A omissão ou a repetição do artigo depois de conjunções subordina-se a regras especiaes já consignadas no logar competente.

IX

ADVERBIO

566. O adverbio colloca-se juncto da palavra por elle modificada, ex.: « *Só KRISTO soube perdoar—Homem MUITO ILLUSTRADO—Pedro ESCREVE RAPIDO—Cesar escreveu MUITO CONCISAMENTE* ».

567. Quando se agrupam varios adverbios terminados em *mente* só o ultimo assume esta desinencia, guardando os outros a fôrma feminina singular dos adjectivos de que nascem, ex.: « *Luctaram os Paraguayos calorosa, desatinada, loucamente* ».

Esta regra, que hoje só existe no Portuguez, existiu nos velhos dialectos francezes *d'oc* e *d'oïl*: nesses dialectos a terminação *ment* se collocava, ou só depois do primeiro, ou só depois do ultimo adverbio.

Os actuaes escriptores portuguezes e brazileiros já nem sempre respeitam a regra: usam por vezes de todos os adverbios completos, ex.: « *Batem rijamente, brutaemente de encontro á verdade* ».

568. A locução adverbial *no mais* equivale a *não mais*: como a encontra duas vezes em Camões (1), o colendo mestre, sr. Adolpho Coelho tem-na por peculiaridade camoniana que não se faz mister attribuir á influencia da lingua hespanhola.

(1) *Lusiadas*, Cant. III. Est. LXVII e Cant. X, Est. CXLV.

Em Sorocaba, cidade da provincia de S. Paulo, que uma feira annual de bestas punha sempre em contacto com Orientaes e Correntinos, e onde a linguagem é ainda sensivelmente acastelhana-da, tal locução é usadissima; ouve-se a cada passo: « *Entre NO MAIS—Tire churrasco NO MAIS—Ensilhe NO MAIS o matungo* » isto é « *Entre, NÃO MAIS; entre sem cerimonia—Tire churrasco, NÃO MAIS; sem mais preambulos—Ensilhe o matungo, NÃO MAIS; nada mais tem a fazer sinão ensilhar o matungo* ». A existencia da locução no dialecto sorocabano só póde ser devida á influencia castelhana.

569. A fórma masculina dos adjectivos que têm fórma diferente para cada genero, é empregada adverbialmente, ex.: « *Fallar ALTO* (Vide 321) ».

Os adjectivos que têm uma só fórma para ambos os generos admittem tambem este uso, porém mais raramente. Já se viu o exemplo de Gil Vicente (321). Uma construcção usadissima é a adverbiação do adjectivo *possivel*, ex.: « *Vai em nove annos que o auctor empreheudeu trabalhos que deviam ser os mais completos POSSIVEL sobre as linguas, as tradições e as superstições do seu paiz* (1) ».

X

INTERJEIÇÃO

570. A *interjeição*, como brado instinctivo que é, não subordina-se a regras de syntaxe. Nada ha aqui a dizer sobre ella.

LIVRO QUARTO

ADDITAMENTOS

I

PONTUAÇÃO

571. *Pontuação* é a arte de dividir por meio de signaes graphicos as partes do discurso que não têm entre si ligação intima.

(1) ADOLPHO COELHO, *Questões da Lingua Portugueza*, Porto, 1874, Adver-tencia, pag. V.

e de mostrar do modo mais claro as relações que existem entre essas partes.

A pontuação é para a syntaxe o que a accentuação é para a lexeologia: a accentuação faz distinguir a significação das palavras isoladas; a pontuação discrimina o sentido dos membros, clausulas e sentenças do discurso. *Os accentos* são, pois, *signaes lexeologicas*; as *notações da pontuação*, *signaes syntacticos*.

572. Doze são as notações graphicas da pontuação:

- | | |
|---|---------|
| 1) a <i>virgula</i> ou <i>comma</i> | (,) |
| 2) o <i>ponto e virgula</i> ou <i>semicolon</i> | (;) |
| 3) os <i>dous pontos</i> ou <i>colon</i> | (:) |
| 4) o <i>ponto final</i> | (.) |
| 5) o <i>ponto de interrogação</i> | (?) |
| 6) o <i>ponto de admiração</i> | (!) |
| 7) os <i>pontos de reticencia</i> | (...) |
| 8) a <i>parenthesis</i> | (()) |
| 9) as <i>aspas</i> | (« ») |
| 10) o <i>hyphen</i> | (-) |
| 11) o <i>travessão</i> | (—) |
| 12) o <i>paragrapho</i> | |

1

Virgula

573. Usa-se da *virgula*

- entre palavras, membros e clausulas que estão na mesma relação, ex.: « *A riqueza, a saude, o prazer, são cousas transitorias—Antonio vive, Pedro vegeta—Francisco disse-me que eu fosse, que batesse, que entrasse, que tirasse os livros* ».
- antes e depois de toda a palavra, phrase ou clausula que se pôde supprimir sem desnaturar o sentido, ex.: « *Não vos aparteis, FILHOS, do caminho da honra—A amizade, DOM DO CÉU, é o goso do sabio—A vida, DIZIA SOCRATES, só deve ser a meditação da morte—O tempo, QUE VÔA QUANDO SOMOS FELIZES, parece estacar quando somos desgraçados* ».

- 3) depois de uma clausula que se não pôde supprimir sem offensa do sentido, mas que é bastante extensa, ex. : « *Um arabe que se destina ao rude officio de salteador do deserto, acostuma-se cedo ás fadigas das correrias* ».

Chama-se a esta virgula *virgula de respiração*.

- 4) para substituir um verbo subentendido, ex. : « *Eu comi figos ; Antonio, laranjas* ».
- 5) depois de muitos sujeitos eguaes em força de expressão, quando entre os dous ultimos não medeia a conjuncção *e*, ex. : « *Africanos, Gaulezes, Getulos, Egypcios, tinham transformado a linguagem de Roma* ».

Esta regra tem por fim evitar que o verbo pareça referir-se com mais especialidade ao sujeito que o precede immediatamente.

- 6) depois das conjuncções *mas, ora, pois, porquanto, todavia, quando* ; si, principiando por ellas a sentença, quer-se insistir sobre a sua significação, ex. : « *Mas, note bem o que eu digo* ».
- 7) depois de *assim, então, demais* e de outros adverbios e locuções adverbiaes empregadas em principios de sentenças com sentido de conjuncção, ex. : « *Assim, conto com o que me prometteu—Então, iremos hoje sem falta ?* ».
- 8) depois de *sim* ou *não* collocados no principio da sentença, ex. : « *Sim, irei — Não, já lhe disse* ».

574. Omittese a virgula

- 1) entre partes ligadas pelas conjuncções *e, nem, ou*, a não ser que taes partes sejam muito extensas, ex. : « *A soberba destróe e suffoca todas as virtudes—Não estive em Roma nem em Napoles—E' preciso vencer ou morrer* ».

Diz-se, porém : « *Ninguém se contenta com o que possui, nem se descontenta com o espirito que tem* » porque as partes ligadas pela conjuncção *nem*, são em demasia extensas para serem pronunciadas de um só folego.

- 2) depois do ultimo de muitos sujeitos quando a esse ultimo se tem chegado por uma como gradação, ex. : « *Uma palavra, um sorriso, um só olhar basta* ».

2

Ponto e vírgula

575. Usa-se do *ponto e vírgula* para separar proposições semelhantes e de alguma extensão, sobretudo si taes proposições compõe-se de partes já divididas pela vírgula, ex.: « *As graças, que ha no mundo, mais seductoras são as da belleza; as mais picantes, as do espirito; as mais commoventes, as do coração* ».

3

Dous pontos

576. Empregam-se os *dous pontos*

- 1) antes de uma citação, ex.: « *Aristoteles dizia a seus discipulos: Meus amigos, não ha amigos* ».
- 2) antes de uma enumeração, si pela enumeração termina a sentença, ex.: « *Eis toda a religião khristã: crer, esperar, amar* ».
- 3) depois de uma enumeração, si pela enumeração começa a sentença, ex.: « *Crer, esperar, amar: eis toda a religião khristã* ».
- 4) antes de uma reflexão ou de uma explanação, ex.: « *Nada faças encolerizado: levantarias ferro em occasião de tempestade?* ».

4

Ponto final

577. Usa-se de *ponto final*

- 1) para fechar a sentença, ex.: « *Saudei um morto. Vou falar rapidamente de um livro que foi a sua despedida, e é seu monumento. Volvo a este modesto cantinho, onde tenho affirmado uma cousa que julgo grande e util* ».
- 2) nas abreviações, ex.: « *Sr.—Gram. Port.* ».

5

Ponto de interrogação

578. O *ponto de interrogação* põe-se no fim das sentenças interrogativas, ex.: « *Como passa?—Quantos são?* ».

579. Muitas vezes o verbo está em fôrma interrogativa sem que haja interrogação no pensamento: neste caso não se usa do ponto de interrogação, ex.: « *Fazem-lhe a menor observação, zanga-se* ».

580. Quando uma interrogação é seguida das phrases *disse elle, perguntou ella* ou de outras analògas, precede-as o ponto de interrogação, ex.: « *Que quer vossê? perguntou-lhe a velha* ».

6

Ponto de admiração

581. O *ponto de admiração* emprega-se no fim das phrases que exprimem affectos subítos, considerações vivas e, em geral, depois das interjeições, ex.: « *Que prazer!— Como é bello!--Ah!* ».

582. Quando uma parte de phrase exclamativa é seguida de palavras que della dependem, mas que estão fóra da exclamação propriamente dita, põe-se o ponto de admiração antes dessas palavras, e então póde elle equivaler a uma vírgula ou a um ponto e vírgula, conforme o sentido, ex.: « *Que transportes! mesmo antes de erguer-se o panno* ».

7

Pontos de reticencia

583. Os *pontos de reticencia* indicam interrupção da expressão do pensamento, ex.: « *Ventos ousados, eu vos... Insta, porém, abançar as vagas* ».

8

Parenthesis

584. A *parenthesis* é um signal duplo que serve para fechar palavras que, no meio de uma sentença, formam sentido distincto e separado, ex.:

- « Eu só com meus vassallos, e com esta,
- « (E dizendo isto arranca méia espada)
- « Defenderei da força dura, e infesta,
- « A terra nunca de outrem subjugada: (1) ».

(1) *Iasiadas*, Cant. IV, Est. XIX.

9

Aspas

585. *Aspas* são signaes que se põem no começo e no fim de uma citação, e muitas vezes mesmo no começo de todas as linhas della e no fim da ultima, ex.:—*Diz o sr. Guerra Junqueiro*: « Ha duas especies de pudor: o que nasce da ignorancia e o que « nasce da dignidade; o pudor da menina e o pudor da mulher ».

10

Hyphen

586. O *hyphen* serve para unir duas ou mais palavras que se devem pronunciar como si fossem uma só, ex.: « *Mestre-Escola—Espera-me—Dir-te-ia* ».

Colocado no fim da linha indica que a palavra se dividiu alli, indo acabar no principio da linha seguinte.

11

Travessão

587. O *travessão* indica

- 1) uma pausa maior que a do ponto e virgula e ao mesmo tempo, pedido de attenção para as palavras que seguem, ex.: « *Os Khristãos viam com apparente indifferença os seus vencedores polluirem as ultimas cousas que, até sem esperança, ainda defende uma nação conquistada—as mulheres e os templos* ».
- 2) mudança de interlocutores em um dialogo, substituindo as phrases *disse elle, acudiu ella, responderam elles, interromperam ellas*, etc., ex.:

« Os forasteiros são nossos irmãos pela carne, disse Amador Bueno.

Os paulistas assassinados o eram pelo sangue, volveu Luiz Pedroso.

— Matar o inimigo vencido é uma baixeza.

— Poupal-o é quasi um crime.

— A humanidade requer perdão para os *emboabas*.

- Piratininga exige o seu exterminio.
- E' inutil vencer, si não é possível transigir.
- Si se vence para amnistiar, não vale a pena combater.
- O cauterio actual queima as carnes...
- E cura o cancro.
- O rigor aterra...
- E submette.
- O odio excessivo é villania.
- Clemencia demasiada degenera em traição (1) ».

12

588. O *paragrapho* que é formado por um espaço em branco deixado no principio da linha, deve ser considerado como um signal de pontuação. Indica elle uma separação mais accentuada do que a do ponto, e emprega-se para distinguir os differentes grupos de idéas de que se compõe um escripto, ou para marcar a transição de um assumpto para outro. O *paragrapho* acaba geralmente por um ponto final; todavia pôde tambem terminar-se por ponto e virgula e dous pontos, como acontece nos *considerandos* e nas enumerações.

Para certos casos da composição typographica ha notações peculiares taes como o *asterisco* (*), o *obelisco* ou *adaga* (†), a *dupla adaga* (‡), a *secção* (§), as *parallelas* (||), o *párrafo* (¶), os *colchetes* ([]), a *chave* (}), o *caret* (^), a *mãozinha* (☞), etc..

II

EMPREGO DE LETTRAS MAIUSCULAS

589. Empregam-se *letras maiusculas*

- 1) no começo de sentenças, ex.: « *Tudo perdemos excepto a honra* ».
- 2) no começo de citações, ex.: « *Ao ver erguido sobre si o punhal de Bruto, Cesar exclamou: Tambem tu, meu filho* ».
- 3) na palavra que segue aos pontos de interrogação e admiração, quando elles finalisam o sentido, ex.: « *Não me*

(1) *Pubre Belchior de Pontes* (romance do auctor), Campinas, 1876, Tomo I, pag. 229—230,

nês? Pois sou bem alto—Que loucura a de meu filho, santo Deus! Si elle nos abandona, perecemos ».

- 4) nos nomes próprios, ou nos communs tomados como taes quer sejam de pessoas, quer de cousas, ex.: « Deus—Romulo—os Portuguezes—os Quebra-Khilos—Abril—Londres—o Evangelho—o Coliseu ».

Os nomes referentes ás divisões territoriaes do mundo, quando empregados como adjectivos escrevem-se com letra minúscula, ex.: « Aprendi Francez por livros portuguezes; Inglez por livros francezes; Grego por livros inglezes ».

- 5) nos nomes de tractamento, ex.: « Vossa Senhoria—Vossa Santidade—Senhor—Senhora, etc. ».

Nos escriptos modernos mórmente nos do jornalismo, vai-se estabelecendo o uso de escrever estes nomes com letra minúscula.

- 6) no principio de cada verso, ex.:

« Vai despontando o rosicler da aurora;
O azul sereno e vasto
Empallidece e cõra,
Como si Deus lhe desse
Um grande beijo luminoso e casto,
A estrella da manhã
Na altura resplandece;
E a cotovia, a sua linda irmã,
Vai pelo azul um cantico vibrando,
Tão limpido, tão alto, que parece
Que é a estrella no céu que está cantando¹⁾.

- 7) nos titulos de livros, jornaes, ex.: « Os Lusíadas—O Monitor Catholico ».

Nestes casos, bem como em taboletas, inscripções, epitaphios, é tambem uso serem maiúsculas todas as letras, ex.: « OS LUSÍADAS—A GAZETA DE NOTÍCIAS—VINHOS FINOS—A MEMÓRIA DE TIRA DENTES—AQUI JAZ LUIZ DE CAMÕES ».

1) GUERRA JUNQUEIRO, *Morte de D. João*, Porto, 1876, pag. 313.